Pronomes objetos de segunda pessoa do singular: uma análise da escrita do século XX de Graciliano Ramos[1]

Waldenia Maria da Silva[2]

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório[3]

RESUMO: Neste trabalho, analisamos o uso dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular em cartas pessoais de Graciliano Ramos, com o objetivo de analisar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram o avanço das formas do paradigma de *você* e quais atuaram como resistência e favoreceram o paradigma de *tu*. Para isso, analisamos o total de 110 cartas redigidas no período de 1910 a 1952, escritas pelo ilustre alagoano em resposta a familiares e a um amigo. Como aporte teórico-metodológico, baseamo-nos na Sociolinguística Histórica. As variáveis linguísticas independentes analisadas foram: contexto morfossintática e subsistema tratamental na posição de sujeito; e as variáveis extralinguísticas: período e tipo de relação entre os remetentes. Os resultados mostraram que as formas do paradigma de *tu* foram maioria no *corpus,* mas a partir de 1930, as formas de *você* e o nulo se tornaram mais frequentes, superando as formas de *tu*. Observamos que o uso de *você* foi mais favorecido pelo contexto morfossintático dativo, em missivas que têm o *você* como sujeito exclusivo e em relações assimétricas. Já as formas de *tu* predominaram no contexto acusativo, em cartas com *tu* como sujeito exclusivo e em relações simétricas. As cartas enviadas à esposa, apesar de simétricas, favoreceram o paradigma de *você*.

Palavras-chave: Sociolinguística Histórica. Graciliano Ramos. Fatores linguísticos. Língua escrita.

Second person singular object pronouns: an analysis of 20th century writing by Graciliano Ramos

ABSTRACT: In this paper, we analyze the use of second-person singular object pronouns in personal letters by Graciliano Ramos, with the aim of analyzing which linguistic and extralinguistic factors influenced the advancement of the forms of the *você* paradigm and which acted as resistance and favored the *tu* paradigm. To this end, we analyzed 110 letters written between 1910 and 1952 by the illustrious alagoan in response to family members and a friend. As a theoretical-methodological contribution, we base ourselves on Historical Sociolinguistics. The independent linguistic variables analyzed were: morphosyntactic context and treatment subsystem in the subject position; and the extralinguistic variables: period and type of relationship between the senders. The results showed that the *tu* paradigm were the majority in the corpus, but from 1930 onwards, the forms of *você* and the null became more frequent, surpassing the forms of *tu*. It was observed that the use of *você* was more favored by the dative morphosyntactic context, when *você* was the exclusive subject and in asymmetrical relations. The forms of *tu* predominated in the accusative context, in letters with *tu* as the exclusive subject and in symmetrical relations. The letters sent to the wife, despite being symmetrical, favored the paradigm of *você*.

[1] Este artigo é um recorte da dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL) em 12 de agosto de 2022.

[2] Doutoranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL. Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL. Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas. Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-5906-3709. E-mail: Waldenia.wms@hotmail.com

[3] Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), lotada na Faculdade de Letras (FALE). Doutora e Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2012 e 2008). Especialista em Linguística e Ensino do Português pela Universidade Federal do Ceará (2006). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2005). Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-6279-2379. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com

Keywords: Historical Sociolinguistics. Graciliano Ramos. Linguistic factors. Written language.

INTRODUÇÃO

A introdução do pronome *você* na posição de sujeito, como forma de referência à segunda pessoa do singular, ocorreu por volta da década de 1930 do século XX (Rumeu, 2012; 2019). Esse pronome tem sua origem na expressão *Vossa Mercê*, que, na tradição gramatical, direcionava o verbo para a terceira pessoa do singular. A forma inovadora *você* preservou essa característica de sua origem, de modo que, embora a interpretação semântico-discursiva dessa forma seja de segunda pessoa do singular, a especificação morfológica permanece associada à terceira pessoa do singular (Lopes, 2007; Lopes; Cavalcante, 2011).

Pesquisas sociolinguísticas têm abordado o uso de *você* na função de sujeito, a partir de diferentes enfoques e perspectivas teóricas (Rumeu, 2012; 2019; Peres, 2006; Lopes, 2003; Duarte, 2003). Esse interesse decorre do fato de que a introdução dessa forma provocou uma reorganização no quadro pronominal do português brasileiro. Embora essa mudança não tenha ocorrido apenas na função de sujeito, mas também em outros contextos morfossintáticos, os estudos sobre os efeitos da inserção de *você* nas posições objetivas ainda são limitados, deixando lacunas no entendimento sociolinguístico de certos aspectos do português brasileiro.

Desse modo, pretendemos contribuir com o preenchimento dessa lacuna ao investigar a variação dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular em cartas pessoais do século XX redigidas pelo escritor alagoano Graciliano Ramos. Nosso objetivo geral é identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciaram o uso das estratégias de *tu* e quais fatores favoreceram o avanço do uso das formas do paradigma de *você* na escrita do ilustre alagoano. Para isso, nosso objetivo específico é analisar as variáveis independentes linguísticas: (i) contexto morfossintático e (ii) subsistema tratamental na posição de sujeito; e a variável extralinguística: (i) período e (ii) tipo de relação entre os remetentes.

Ao analisar o uso dos pronomes objetos em uma sincronia passada, primeira metade do século XX, recorremos a dados da língua alagoana no meio escrito, haja vista a dificuldade de encontrar disponíveis, nesse período, amostras da língua no meio oral. Para isso, fizemos uso da Sociolinguística Histórica (Romaine, 1982; Conde Silvestre, 2007) que tornou possível pesquisar a variação e a mudança linguística no meio escrito em uma sincronia passada.

Também nos baseamos na literatura sociolinguística que aborda o uso dos pronomes

objetos de segunda pessoa (Silva, 2012; Pereira, 2012; Figueiredo, 2013; Souza, 2014; Souza; Oliveira; Lopes, 2011)[4], e partimos da hipótese de que, embora as formas linguísticas do paradigma de *tu* tivessem sido mais frequentes no *corpus* estudado, os pronomes objetos do paradigma de *você* já eram empregados nesse período e se tornariam mais frequentes a partir de 1930, após a implementação do *você* sujeito no português brasileiro (Rumeu, 2012; 2019).

APORTE TEÓRICO

O artigo *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog (1986) é um dos trabalhos fundadores da Sociolinguística de orientação sócio-histórica, pois rompe os limites entre sincronia e diacronia no estudo da mudança linguística (Conde Silvestre, 2007, p. 31). Os teóricos criticam a estudos linguísticos que tratam da mudança a partir de um viés que aborda a língua como objeto homogêneo, pois "muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada" (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p.35).

Este ponto de vista da Sociolinguística, que considera a língua como um sistema linguístico heterogêneo, é compartilhado tanto pela Sociolinguística sincrônica[5] quanto pela histórica. Embora essas duas vertentes da Sociolinguística apresentem convergências em aspectos teóricos, elas divergem metodologicamente (Lopes, 2020). De acordo com Lopes (2020), a Sociolinguística Histórica tem um viés próprio que "aplica os princípios da Sociolinguística no estudo e interpretação de materiais históricos" (Informação verbal)[6].

A Sociolinguística Histórica teve um forte crescimento a partir da publicação de "Socio-Historical Linguistics. Its Status and Methodology" (1982) de Suzanne Romaine, que demonstrou um pioneirismo no desenvolvimento metodológico e prático dessa vertente histórica da Sociolinguística. Em sua obra, a autora faz uma junção entre Sociolinguística sincrônica, cujo objetivo é analisar a inter-relação entre estruturas linguísticas e sociais, bem

[4] Para ter acesso aos resultados desses trabalhos, acesse o capítulo "Pronomes de referência a segunda pessoa do singular na função de complemento e adjunto na escrita brasileira do século XIX e XX: uma revisão sistemática" de Silva (2023).

[5] O termo Sociolinguística sincrônica é aplicado nesta pesquisa com o sentido empregado por Conde Silvestre (2007), como sinônimo de Sociolinguística Variacionista laboviana. A terminologia é utilizada para diferenciar a Sociolinguística Quantitativa de Labov e a Histórica de Romaine.

[6] Informação fornecida por Célia Regina dos Santos Lopes na palestra Sociolinguística Histórica no Brasil: Caminhos e desafios, evento online da ABRALIN ocorrido em 18 de julho de 2020.

como a sua introdução em uma comunidade com espaço e tempo específicos, visando descrever e explicar um sistema historicamente determinado; e a Linguística Histórica, que estuda o desenvolvimento da língua no decorrer do tempo a fim de fornecer explicações globais acerca da mudança linguística (Conde Silvestre, 2007, p. 32). A imbricação dos dois campos da linguagem dá origem a Linguística Sócio-Histórica que tem como principal objetivo:

> investigar e fornecer uma explicação das formas/usos em que a variação pode se manifestar em uma determinada comunidade ao longo do tempo, e de como funções particulares, usos e tipos de variação se desenvolvem dentro das (ou no interior das) línguas, comunidades de fala, grupos sociais, redes e indivíduos (Romaine, 1982: x, tradução nossa).[7]

De Weinreich, Labov e Herzog (1986) à Romaine (1982) há uma ampliação de uma Sociolinguística que era histórica por estudar a mudança linguística para uma que busca reconstruir efetivamente a correlação entre os fatores sociolinguísticos em períodos de tempo passados (Conde Silvestre, 2007). Esse movimento de projetar a variação linguística para o passado é importante para a história das línguas, pois segundo Conde Silvestre (2007),

> se a variabilidade linguística é inerente à linguagem em qualquer um dos períodos de sua evolução, então os estudos históricos centrados no desenvolvimento de variedades padronizadas ou na convergência de diferentes variedades que tendem a padronização, não dão conta de todos os fenômenos suscetíveis de estudo e, em sua busca pela uniformidade, resultam insatisfatórios e contraditórios (p. 33, tradução nossa).[8]

A história das línguas deve ultrapassar esse aspecto dos estudos e abranger a variação linguística do passado que, apesar de mais complexa, é tão importante quanto à reconstrução da língua padrão estabelecida pelos usuários da língua. Aplicar os princípios da Sociolinguística sincrônica para abordar as circunstâncias históricas e sociais dessa variação em um estágio passado de língua, permite-nos, além de reconstruir as possíveis relações de covariação entre

[7] Texto original: The main goal of such a discipline would be to investigate and provide an account of the forms/uses in which variation may manifest itself in a given community over time, and of how particular functions, uses and kinds of variation develop within particular languages, speech communities, social groups, networks and individuals.

[8] Texto original: Si la variabilidad lingüística es consustancial al lenguaje en cualquiera de los periodos de su evolución, entonces los estudios históricos centrados en el desarrollo de variedades estandarizadas o en la convergencia de distintas variedades que tienden a la estandarización, no dan plena cuenta de todos los fenómenos susceptibles de estudio y, en su persecución de la uniformidad, resultan insatisfactorios y contradictorios.

os fatores linguísticos e de significação social, compreender questionamentos acerca de mudanças linguísticas em progresso na sincronia que viabiliza um aprofundamento da teoria geral da mudança linguística (Conde Silvestre, 2007).

Desse modo, é possível argumentar que a Sociolinguística Histórica ou Linguística Sócio-Histórica "se ocupa tanto dos fundamentos gerais e históricos da mudança, quanto da compreensão e explicação de processos de mudanças concretos a partir das correlações entre fatores linguísticos e sociais" (Gimeno, 1983, p. 184-185, apud. Conde Silvestre, 2007, p. 35, tradução nossa)[9].

METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a metodologia adotada nesta pesquisa. Para tanto, serão expostas: a constituição do *corpus*, a variável dependente, bem como as quatro variáveis independentes analisadas, a saber: contexto morfossintático, subsistema tratamental na posição de sujeito, período e tipo de relação entre os remetentes. Além disso, serão demonstradas, também, as hipóteses de pesquisa referentes a cada uma dessas variáveis.

Constituição do *corpus*

O *corpus* dessa pesquisa é constituído por 457 ocorrências retiradas de uma amostra constituída de 110 cartas escritas pelo ilustre alagoano Graciliano Ramos entre o período de 1910 a 1952. As missivas estão compiladas no livro *Cartas* (2011), publicado pela editora Record. Do total de 112 cartas contidas na obra, duas cartas, a de número 15 e 112, foram excluídas da análise pelo fato de estarem destinadas a mais de um interlocutor, o que impediu a ocorrência das formas de referência à segunda pessoa do singular.

A publicação das cartas do escritor brasileiro foi iniciada por Heloísa Ramos, esposa de Graciliano Ramos, que decidiu divulgar as correspondências do marido 27 anos após sua morte. No entanto, as cartas íntimas destinadas a Heloísa Ramos não são as únicas que compõem o conjunto da obra, há, também, missivas endereçadas a um amigo e a alguns

[9] Texto original: "se ocupa tanto de los fundamentos generales e históricos del cambio, como de la comprensión y explicación de procesos de cambios concretos a partir de las correlaciones entre factores linguísticos y sociales.

familiares, a saber: pai, mãe, irmãs, filho e cunhado. Todos, a pedido de Heloísa Ramos, disponibilizaram as cartas para divulgação.

Segue, abaixo, o quadro 3 com o nome de todos os destinatários das cartas, o grau de parentesco, o tipo de relacionamento e o período (I – 1910 à 1928; II – 1930 à 1952) em que são encontradas as missivas direcionadas a cada interlocutor:

Quadro 1 - Relações interpessoais nas cartas pessoais de Graciliano Ramos

Destinatários	Período	Grau de parentesco	Tipo de relação
Maria Amélia Ferro Ramos	Período I	Mãe	Ascendente
Sebastião Ramos de Oliveira	Período I e II	Pai	Ascendente
J. Pinto da Mota Lima Filho	Período I e II	Amigo	Simétrica
Leonor Ramos	Período I	Irmã	Simétrica
Otacília Ramos	Período I	Irmã	Simétrica
Marili Ramos	Período II	Irmã	Simétrica
Heloísa Medeiros	Período I	Namorada	Simétrica
Luís Augusto de Medeiros	Período II	Cunhado	Simétrica
Heloísa de Medeiros Ramos	Período II	Esposa	Simétrica
Júnio Ramos	Período II	Filho	Descendente

Fonte: elaborado pelas autoras, 2021.

Variável dependente

Para a análise da variação dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular, a variável dependente é representada pelos paradigmas de *tu,* de *você* e as formas nulas. Lopes *et al.* (2018) mostram que fazem parte do paradigma original de referência à segunda pessoa do singular: a forma nominal *tu*; o acusativo *te*; os dativos *te* e *preposição* + *ti*; o oblíquo *preposição* + *ti*; e o genitivo *teu*. Enquanto as estratégias do paradigma de *você* são: a forma nominal *você*; o acusativo *o, a, lhe* e *você*; o dativo *lhe* e *preposição* + *você*; o oblíquo *preposição* + *você*; e o genitivo *seu*.

No entanto, limitamos o nosso *corpus* aos complementos estritamente verbais, acusativo e dativo, não sendo o oblíquo selecionado por não se restringir a apenas a complementação verbal[10]. Assim, ao tratar do paradigma de *tu* referimo-nos ao agrupamento

[10] As relações gramaticais oblíquas não são centrais como o objeto direto e indireto, por esse motivo, nessas relações, há "tanto argumentos obrigatórios e opcionais do predicador verbal (i.e., complementos do verbo) como adjuntos" (Duarte, 2003, p. 294). Sendo assim, decidimos analisar o comportamento do oblíquo em uma pesquisa futura, tendo em vista seu comportamento distinto do acusativo e dativo que tem sua complementação restrita à complementação verbal.

te e *a/para ti* e, quando abordamos o paradigma de *você* fazemos referência às estratégias *o, a, lhe, você* e *a/para você*.

Contexto Morfossintático

Em relação à variável independente contexto morfossintático, analisamos os complementos verbais acusativos e dativos. Para tanto, consideramos aqui como acusativo a relação gramatical que exerce a função de objeto direto. De acordo com a perspectiva tradicional das gramáticas normativas (Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011), o pronome que desempenha a função acusativa seria exclusivamente o clítico *te*. No entanto, com a implementação do *você,* surgem outras variantes que ocupam a mesma posição morfossintática, as formas *te*, *você*, *Ø*, *lhe* e *o/a* (Lopes; Cavalcante, 2011; Souza, 2014).

Consideramos como dativo o elemento gramatical que desempenha a função de objeto indireto. O constituinte com essa relação gramatical é um argumento interno típico de verbos de dois ou três lugares com papeis semânticos de alvo, fonte e beneficiário e tem geralmente o traço de argumento [+ animado] (Duarte, 2003; Berlinck, 1996 apud Lopes; Cavalcante, 2011). No que concerne ao dativo, após a inserção do *você* no quadro pronominal do PB, podemos verificar a variação entre as formas *te, lhe, Ø, a/para ti* e *a/para você.*

Expostos os contextos morfossintáticos que serão analisados neste estudo, partimos da premissa de que a inserção das formas do paradigma de *você* no português brasileiro ocorreu de forma distinta a depender do contexto morfossintático empregado (Pereira, 2012). Acreditamos, baseado em Galves *et al*. (2016), que o contexto dativo favorece mais o emprego das formas do paradigma de *você* do que o contexto acusativo que tende a privilegiar as estratégias do paradigma de *tu*.

Subsistema tratamental na posição de sujeito

Quanto ao subsistema de tratamento na posição de sujeito, conforme Lopes e Cavalcante (2011, p. 37), no português brasileiro, coexistem pelo menos três subsistemas na posição de sujeito, a saber: subsistema I - somente *tu* na posição de sujeito; subsistema II - somente *você* na posição de sujeito; e subsistema III - variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito. No entanto, houve situações em nosso *corpus* em que nenhum pronome sujeito de segunda pessoa do singular foi usado durante toda a carta. Nessas situações, baseando-nos em

Silva e Lopes (2021), atribuímos a nomenclatura sem referência pronominal.

Baseado no princípio da uniformidade linguística[11], usamos o conhecimento adquirido no presente para auxiliar na reconstrução do conhecimento linguístico do passado, assim, buscamos encontrar, nas cartas do escritor alagoano Graciliano Ramos, os três subsistemas propostos por Lopes e Cavalcante (2011) e correlacioná-los com os complementos verbais de segunda pessoa do singular.

Desse modo, pressupomos que, nas missivas de *tu* como sujeito exclusivo, o uso das formas do paradigma de *tu,* em outras funções sintáticas, sejam predominantes; já em relação às cartas de *você* como sujeito exclusivo, esperamos que as estratégias do paradigma de *você* sejam favorecidas (Souza, Oliveira e Lopes, 2011, Pereira, 2012; Galves *et al*, 2016). Nas missivas de sujeito misto, por sua vez, acreditamos que apesar das formas do paradigma de *tu* serem mais empregadas, as estratégias do paradigma de *você* alcançarão um uso maior que no subsistema de *tu* como sujeito exclusivo, assim, haverá maior variação entre os dois paradigmas de referência à segunda pessoa do singular nesse caso (Galves *et al*, 2016).

Período

A variável tempo, apontada como significativa nos trabalhos de Pereira (2012), Souza (2014) e Oliveira (2014), é organizada em dois períodos: período I – formado pelas cartas pessoais de 1910 à 1928; e período II – composto pelas missivas de 1930 à 1949. A produção epistolar da década de 1950, a priori considerada para a análise, teve sua única carta desconsiderada por ser endereçada a mais de uma pessoa, o que tornou inviável a realização do fenômeno linguístico analisado. A separação entre período I e II foi estabelecida, por causa da implementação do *você* como pronome sujeito no português brasileiro que ocorreu a partir da década de 1930, conforme Rumeu (2012; 2019) e Lopes e Cavalcante (2011).

No que diz respeito a esse fator, partimos do pressuposto de que, embora seja esperado que as formas pronominais do paradigma de *tu* sejam mais frequentes durante todo o período abordado, como presumimos em nossa hipótese geral, o emprego das formas do paradigma de *você* tornar-se-ia mais frequente após 1930, visto que a implementação do *você* como pronome sujeito de segunda pessoa ocorreu a partir desse período reorganizando o quadro pronominal

[11] No campo da sociolinguística, de acordo com Romaine (1982), o princípio da uniformidade transporta a variação inerente da língua do presente para o passado, derrubando, assim, a noção de invariação e compreendendo que em tempos remotos a língua varia da mesma forma estruturada de sincronias atuais. Desse modo, a variação na linguagem é condicionada por fatores linguísticos e sociais independente do período de tempo abordado.

do português brasileiro (Rumeu, 2012; 2019).

Tipo de relação entre os remetentes

Para a análise da variável tipo de relação entre os interlocutores, recorremos à Teoria do Poder e da Solidariedade de Brown e Gilman (1960). A semântica de T e V baseia-se nas relações interpessoais de poder e solidariedade. Por semântica entende-se a "correlação entre o pronome usado e a relação objetiva existente entre falante e destinatário" (Brown; Gilman, 1960, p. 252), com T sendo mais associado a relações mais solidárias.

A semântica do poder ocorre com base nas diferenças entre os interlocutores, divergências essas que tornam um interlocutor hierarquicamente superior a outro. A semântica da solidariedade, por outro lado, é caracterizada por relações simétricas e recíprocas, nas quais os interlocutores se referenciam mutuamente com o mesmo pronome (Brown; Gilman, 1960). Para a nossa análise, adotamos a nomenclatura usada por Rumeu (2011), que é definida com base nas seguintes relações interpessoais entre os interlocutores: i. entre iguais ou relação simétrica; ii. de inferior para superior ou relação assimétrica ascendente e iii. de superior para inferior ou relação assimétrica descendente.

Ao levarmos em consideração a Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960), partimos do pressuposto de que as formas do paradigma de *tu* serão mais empregadas em relações solidárias, onde há simetria entre os interlocutores, e nas assimétricas descendentes, nas quais o escrevente detém algum tipo de poder sobre o destinatário. Enquanto as estratégias de *você*, por sua vez, serão mais favorecidas pelas interações em que o destinatário exerce certo poder sobre o escrevente, em uma relação assimétrica ascendente.

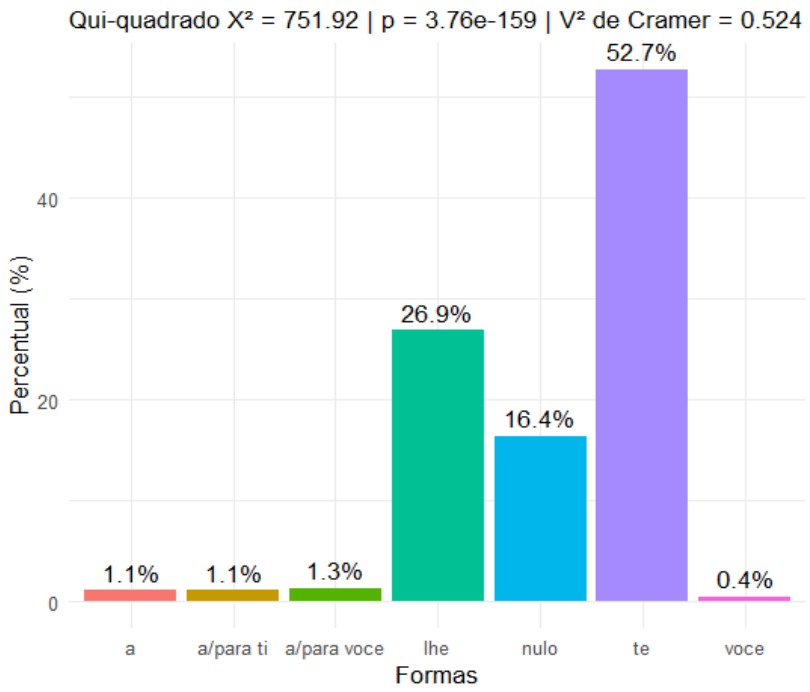
DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Nesta seção de análise, discorremos sobre a distribuição geral dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular nas cartas pessoais de Graciliano Ramos, além de descrever e analisar as variáveis sociolinguísticas que influenciaram o uso dos pronomes investigados nas missivas pessoais do escritor alagoano. Para tanto, recorremos também à análise estatística dos dados, que foi realizada na plataforma R.

Distribuição geral dos pronomes objetos

Na presente subseção, apresentamos a distribuição dos pronomes objetos de segunda pessoa extraídos das produções epistolares que compõem o nosso *corpus*, bem como a distribuição dessa soma entre os paradigmas *tu*, *você* e a forma nula. Após uma análise detalhada das 110 cartas do escritor Graciliano Ramos, contabilizamos um total de 457 ocorrências. No gráfico a seguir, expomos a distribuição dessas formas:

Gráfico 1 - Distribuição dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

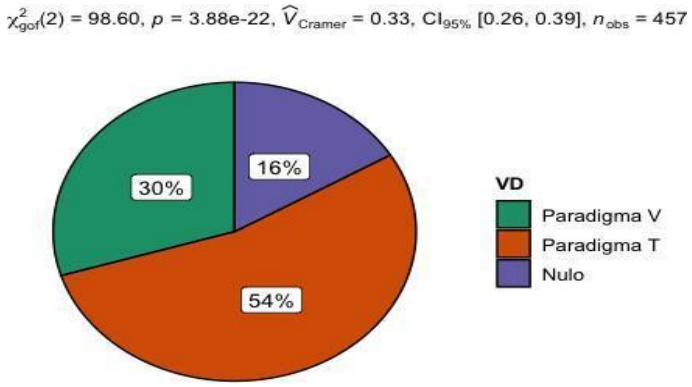
Ao observar o Gráfico 1, podemos identificar que das 457 ocorrências, cerca de 53% correspondem à forma *te*, representando mais da metade do corpus. Em seguida, observa-se a forma *lhe*, com aproximadamente 27% (n = 123), e a forma nula, com cerca de 16% (n = 75). As variantes de sintagma preposicionado *a/para ti*, *a/para você*, e as formas *a* e *você* tiveram poucas ocorrências, contabilizando percentuais de 1,1% (n = 5), 1,3% (n = 6), 1,1% (n = 5) e 0,4% (n = 2), respectivamente. Essa distribuição é estatisticamente significativa, confirmada pelo valor do teste de qui-quadrado, em que X^2 (6) = 751.92 e P < 0.001, com associação

moderada, comprovada pelo teste V² cramer = 0.52.

No que diz respeito à estratégia de referência à segunda pessoa *te*, observamos que esta variante é o pronome mais recorrente no *corpus* constituído por produções epistolares pessoais do século XX. Podemos afirmar, também, que essa forma é a que obteve maior índice entre todas as variantes do paradigma de *tu*, posto que os pronomes *a ti* e *para* ti, compõem apenas 1,9%. Quanto à forma *lhe*, verificamos que este é o pronome objeto do paradigma de *você* que obteve o maior percentual de uso. As outras variantes registradas, a saber, *a/para você*, *a* e *você* constituíram apenas 2,83% da amostra. Ainda em relação às formas do paradigma de *você*, também é importante ressaltar que a forma lexical *você*, como variante de segunda pessoa do singular na função de complemento, foi mais empregada como sintagma preposicionado do que como forma sem preposição nas cartas analisadas.

Para a melhor visualização dos resultados, os pronomes objetos serão amalgamados em três grupos: o paradigma de *tu,* que agrupa as formas originárias de referência à segunda pessoa do singular (doravante, Paradigma T); o paradigma de *você*, que agrupa os pronomes objetos relacionados ao inovador *você* (doravante, Paradigma V) e as formas nulas (doravante, Nulo), conforme podemos observar no gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2 - Distribuição das variantes em paradigmas



Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

Como demonstra o gráfico 2, ao agrupar os pronomes objetos, alcançamos o percentual de 54% do paradigma de *tu* e 30% do paradigma de *você*. O índice de nulos se manteve em 16%. Essa distribuição revelou-se estatisticamente significativa, com X² (2) = 98.60 e p < 0.001, com associação fraca (V² = 0. 33). Esses dados confirmam nossa hipótese geral de que as formas do paradigma de *tu* foram mais frequentes durante o período estudado, mas que já havia

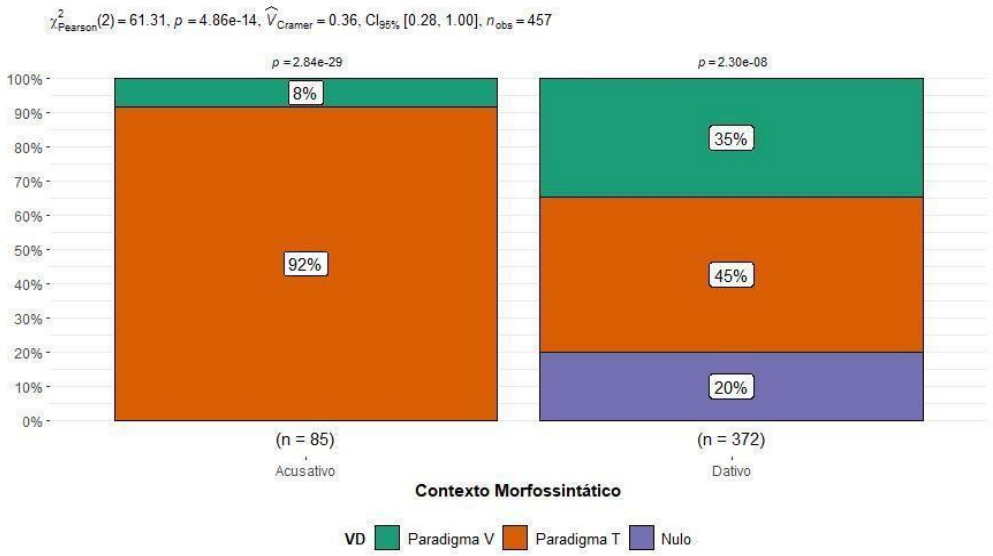
registros das formas do paradigma de *você* na função de complemento verbal na escrita de Graciliano Ramos.

Variáveis linguísticas e extralinguísticas

Nesta subseção, averiguamos como as variáveis independentes linguísticas: contexto morfossintático e subsistema tratamental na posição de sujeito; e as variáveis extralinguísticas: período e tipo de relação entre os remetentes, condicionam o uso dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular nas cartas de Graciliano Ramos.

No que concerne ao contexto morfossintático, analisamos a influência da função acusativa e dativa no uso das variantes de segunda pessoa analisadas. Os dados dessa correlação são exibidos no gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 - Correlação entre os paradigmas e o contexto morfossintático



Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

Como podemos observar, as formas dativas predominam no *corpus*, com 372 ocorrências, enquanto o contexto acusativo registra apenas 85 ocorrências. No tocante ao acusativo, 92% (n = 78) dos registros são dos pronomes objetos do paradigma de *tu* e apenas 8% (n = 7) são das formas ligadas ao *você*. Na função dativa, as formas do paradigma de *tu* constituem 45% (n = 168) do *corpus*, as formas do paradigma de *você* 35% (n = 129) e os nulos

20% (n = 75). Essa distribuição é estatisticamente significativa de acordo com o teste de qui-quadrado, em que X^2 (2) = 61.31 e $p < 0.001$, com associação fraca ($V^2 = 0.36$). Assim, descartamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa de que o contexto morfossintático tem influência no emprego dos pronomes analisados.

No contexto morfossintático acusativo, foram registradas as variantes: *te* com 78 ocorrências, *a* com 05 dados e a forma lexical *você* com apenas 02 registros. A forma *lhe* e o nulo não foram empregados nesse contexto. No contexto dativo, foram encontrados os pronomes objetos: *te* com 163 ocorrências, a variante *lhe* com 123, o nulo com 75, o pronome *a/para você* com 06 dados e a forma *a/para ti* com 05 realizações.

Com base nos dados, observamos que apesar dos poucos registros do acusativo, a maioria dos pronomes objetos registrados nesse contexto foi das estratégias de *tu*, o que revela o acusativo como um contexto favorável ao uso das formas desse paradigma. Quanto ao dativo, observamos que apesar das estratégias do paradigma de *tu* terem maior percentual de uso no *corpus*, o emprego das formas de *você* e o nulo nesse contexto morfossintático teve um notável aumento em seu percentual em comparação ao emprego dessas formas no contexto acusativo. Assim, comparado com o acusativo, constatamos um uso mais variado dos pronomes objetos dativos e o favorecimento das estratégias de *você* nesse contexto.

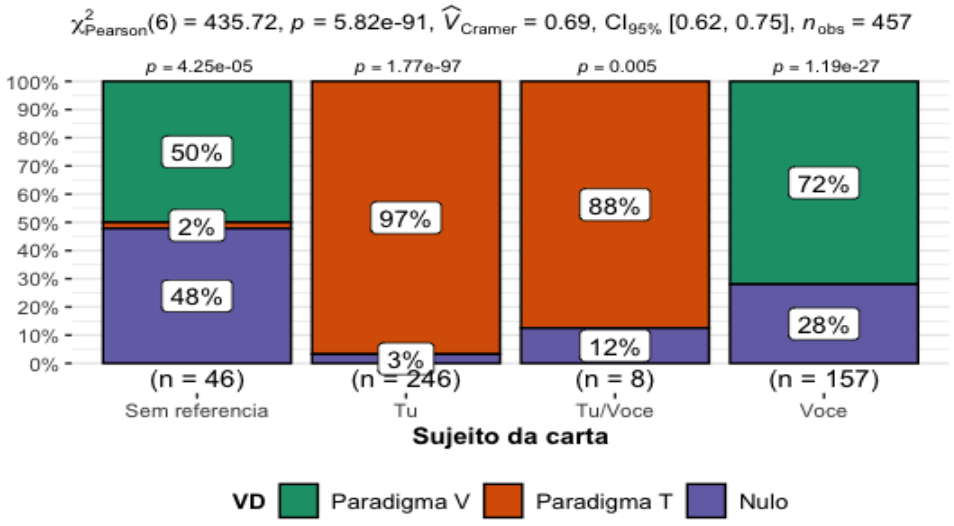
Desse modo, corroboramos nossa hipótese inicial de que o acusativo apresenta-se como contexto de resistência à entrada das formas do paradigma de *você*, por favorecer as formas do paradigma de *tu*. Enquanto o contexto dativo apresenta-se mais favorável à entrada das formas do paradigma de *você*, resultado que dialoga com a afirmação de Galves *et al*. (2016) de que a entrada das formas do *você* segue a ordem: dativo > acusativo.

Em relação à variável subsistema na posição de sujeito, buscamos compreender se, e de que modo, os subsistemas *tu* exclusivo, *você* exclusivo, *tu/você* e sem referência influenciam no emprego dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular nas cartas de Graciliano Ramos.

Em primeiro lugar, conforme gráfico 4, observamos que a variável subsistema na posição de sujeito mostrou-se estatisticamente significativa de acordo com o teste de qui-quadrado, em que X^2 (2) = 435.72 e $p < 0.001$. Assim, descartamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa de que há interferência do subsistema de sujeito no emprego dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular e que a intensidade dessa associação é considerada estatisticamente média/forte ($V^2 = 0.69$).

Em segundo lugar, após uma leitura do gráfico 4, verificamos que dos 246 dados registrados nas missivas de *tu* como sujeito exclusivo, 97% (n = 238) foram de uso dos pronomes objetos do paradigma de *tu* e apenas 3% (n = 08) foram de uso dos nulos. Nas cartas de *você* como sujeito exclusivo, por sua vez, houve um registro de 157 ocorrências, desse total, 72% (n =113) são das estratégias de *você* e 28% (n = 44) das variantes nulas. Nas cartas sem referência, foram encontrados 46 casos, com 50% (n = 23) de registro das formas do paradigma de *você*, 48% (n = 22) do nulo e apenas 2% (n = 01) das estratégias de *tu*.

Gráfico 4 - Correlação entre os paradigmas e o subsistema de sujeito



Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

O subsistema *tu/você* contabilizou apenas 08 ocorrências de pronomes sujeitos. Desse total, 88% (n = 7) são de formas do paradigma de *tu* e 12% (n = 01) de nulo. Podemos observar que, apesar da mistura entre os pronomes sujeitos *tu/você*, não houve nenhum registro de pronomes objetos do paradigma de *você* nessas missivas. No entanto, devemos levar em consideração que esse subsistema ocorreu exclusivamente em uma carta, na qual o registro de *você* sujeito apareceu somente 02 vezes.

Contudo, como argumentam Hernández-Campoy e Schilling (2012), buscamos fazer um bom uso dos dados registrados no material histórico, a fim de encontrar a variação no meio escrito que a princípio aparenta ser uniforme. Assim, realizamos uma análise qualitativa desse resultado e acreditamos que esse uso isolado indica uma possível variação entre os pronomes

sujeitos *tu* e *você* na época abordada, porém essa mescla entre os sujeitos nas cartas de Graciliano Ramos não se espraia para os pronomes objetos de segunda pessoa.

Do mesmo modo, acontece com as cartas que tem o *tu* ou o *você* como sujeito exclusivo e as produções epistolares sem referência que, assim como as missivas de subsistema *tu/você*, não tem mistura entre os paradigmas. Notamos essa uniformidade tratamental ao observar que, nas cartas de *tu* sujeito, só houve o emprego de formas condizentes ao paradigma de *tu* e do nulo, a saber, 233 ocorrências da forma *te*, 05 empregos de *a/para ti* e 08 do nulo. Da mesma forma, aconteceu nas produções de *você* como sujeito exclusivo, nas quais houve apenas registros dos pronomes objetos do paradigma de *você* e do nulo, a saber, 100 ocorrências da variante *lhe*, 06 de *a/para você*, 05 do pronome *a*, 02 de *você* e 44 acontecimentos do nulo.

As produções epistolares sem referência, apesar de terem estratégias ligadas ao *tu* e ao *você*, também não registram mistura de paradigmas. A única variante do paradigma de *você* encontrada nesse subsistema foi o *lhe* (n= 23), que só foi usado em cartas nas quais as estratégias de *você* foram as únicas registradas além das formas nulas. As variantes do paradigma de *tu*, nas cartas sem referências, foram usadas em apenas uma missiva direcionada ao cunhado, na qual a forma *te* foi o único pronome objeto encontrado e foi empregado apenas uma vez durante toda produção escrita.

Para compreender essa uniformidade tratamental, buscamos, em gramáticas da primeira metade do século XX, informações que pudessem justificar esse resultado. Com base nas investigações, atribuímos esse comportamento linguístico do missivista à língua padrão ditada pela gramática tradicional da época, como a Gramática Metódica da Língua Portuguesa de Almeida (2009), que prescrevia que quando os usuários da língua escolhessem uma forma de referência ao interlocutor essa escolha deveria se estender às outras formas do paradigma elegido no que concerne às demais posições sintáticas.

A uniformidade observada nas produções epistolares do escritor alagoano Graciliano Ramos está associada ao fato de Graciliano Ramos ser um escritor particularmente atento à sua escrita e ao uso da linguagem (Santiago, 2013). Sua escrita metódica e reflexiva, juntamente com sua profissão como literato, foram fatores que o motivaram a seguir as normas linguísticas estabelecidas pelas gramáticas tradicionais de sua época.

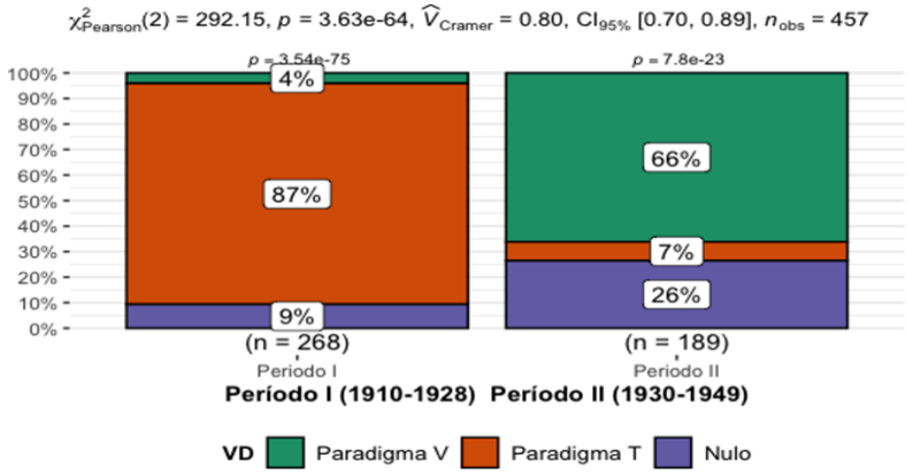
Ao observar o percentual de uso dos paradigmas nesse cenário, notamos que, apesar das formas do paradigma de *tu* serem mais frequentes no *corpus* analisado, ao considerar o fator subsistema na posição de sujeito, verificamos que a predominância das formas desse paradigma se restringe as missivas de *tu* como sujeito exclusivo e a carta de sujeito misto. Nas produções

de sujeito exclusivo *você* e as sem referência, o uso das formas de *você* foi majoritário.

Desse modo, comprovamos a suposição de que as produções epistolares de *tu* como sujeito exclusivo favorecem o uso dos pronomes objetos do paradigma de *tu* e que as missivas de *você* como sujeito exclusivo favorecem o emprego das estratégias referentes ao paradigma de *você*. No entanto, refutamos a nossa hipótese de que as produções epistolares de sujeito misto seriam um contexto favorável ao emprego dos pronomes objetos de *você* ao concluir que só houve uso das formas de *tu* nesse subsistema. Ademais, a uniformidade tratamental encontrada nas missivas também diverge do esperado, pois presumimos que haveria uma flutuação entre os paradigmas de *tu* e *você*, principalmente no subsistema *tu/você*.

No que concerne à variável período, buscamos analisar a influência dos estágios de tempo no uso dos pronomes objetos analisados. Esse grupo de fatores é constituído de quatro décadas que são separadas em período I (1910 – 1928) e período II (1930 – 1949), conforme gráfico 5. Das motivações sociolinguísticas que influenciaram o fenômeno pesquisado, o período se mostrou uma variável bastante significativa, confirmada por X^2 (2) = 292.15 e p < 0.001, com a associação mais forte entre todas as variáveis analisadas, com $V^2 = 0.80$.

Gráfico 5 - Correlação entre os paradigmas e o período



Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

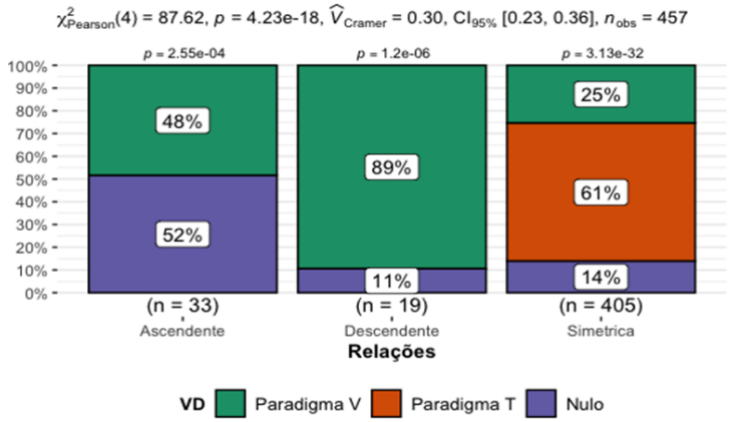
Os dados mostram que, no período I, o uso das formas referentes ao paradigma de *tu* foi majoritário, com um percentual de 87% (n = 232), enquanto as variantes do paradigma de *você* tiveram apenas 4% (n = 11) de uso. No período II, por sua vez, os pronomes objetos do paradigma de *você* foram predominantes com o percentual de 66% (n= 125) de uso e apenas 7% (n = 14) do paradigma de *tu*. O emprego dos nulos evidencia uma elevação de frequência considerável de 9% (n = 25) no período I para 26% (n = 50) no período II. O aumento do uso

de nulos coincidiu com o crescimento do emprego das variantes do paradigma de *você*.

A década de 1930 revelou-se bastante relevante, tendo em vista que atuou como um fator decisivo na elevação do uso das formas de *você* e do nulo e no declínio dos pronomes objetos referentes ao *tu*. Esse aumento significativo do emprego das estratégias de *você* e do nulo coincide com a implementação do *você* sujeito no português brasileiro (Rumeu, 2012; 2019), que impulsionou o uso das formas do paradigma de *você* em outros contextos sintáticos. Sendo assim, confirmamos nossa hipótese de que apesar da maior frequência das formas de *tu* no *corpus* estudado, a partir da década de 1930, houve um aumento no uso dos complementos de segunda pessoa, devido à implementação do *você* sujeito.

No que diz respeito à variável tipo de relação entre os remetentes, analisamos a influência que as relações interpessoais simétricas, assimétricas ascendentes e assimétricas descendentes exercem sobre a escolha das variantes do paradigma de *tu* de *você* e do nulo. No gráfico 6, observamos que o tipo de relação entre os remetentes exerce influência no emprego dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular nas cartas de Graciliano Ramos, pois a distribuição dos dados mostrou-se estatisticamente significativa, comprovada pelo teste de qui-quadrado, em que X^2 (4) = 87.62 e $p < 0.001$, com associação fraca ($V^2 = 0.30$). Assim, descartamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa.

Gráfico 6 - correlação entre os paradigmas e o tipo de relação



Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

Os dados mostram que, nas relações assimétricas ascendentes, constituída pelas interlocuções com o pai e a mãe, o emprego do nulo é predominante, com 52% (n = 17) dos usos, sendo as formas de *você* a segunda estratégia mais usada, com 48% (n = 16). Nas relações assimétricas descendentes, que é constituída pela relação com o filho, o uso das variantes de

você é majoritário, alcançando um percentual de quase 90% (n = 17). As formas nulas registram apenas 11% (n = 02) dos casos. Nas relações simétricas, formada pelas relações com o amigo, as irmãs, a namorada, o cunhado e a esposa, prevalece o uso dos pronomes objetos do paradigma de *tu*, com 61% (n = 246), sendo as variantes de *você* a segunda estratégia mais empregada, com 25% (n = 103), seguida do nulo, com 14%. Diante disso, observamos que, nas missivas simétricas, houve maior variação entre os pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular.

É importante ressaltar que, no contexto simétrico, as cartas enviadas à esposa e às irmãs de Graciliano Ramos foram as únicas que registraram formas do paradigma *você* no *corpus*. As cartas enviadas à esposa apresentaram 63% das formas do paradigma *você*, 29% da forma nula e apenas 8% das estratégias de *tu*, totalizando 164 dados, sendo, desse modo, a única relação simétrica que favoreceu as formas do paradigma *você*. Já as cartas enviadas às irmãs apresentaram apenas 9% de uso do paradigma *você* e 12% da forma nula, com predomínio das estratégias de *tu*, que corresponderam a 79% de um total de 33 dados. Vale destacar que a escolha linguística de Graciliano Ramos varia conforme seu grau de intimidade com Heloísa, pois, quando namorados, sua escolha linguística é predominantemente pelas estratégias de *tu*, sem o uso das variantes de *você* nesse contexto.

Com base nos dados do gráfico 6, verificamos que não houve uso das formas do paradigma de *tu* nas relações assimétricas ascendentes. Nas missivas de relação assimétrica descendente, também foram registradas apenas pronomes objetos do paradigma do inovador *você*, divergindo do que esperávamos, pois como há uma relação descendente de poder hierárquica entre o remetente Graciliano Ramos e seu filho, Júnio Ramos, presumimos que o uso dos pronomes objetos referentes ao *tu* prevaleceriam nesse contexto. Assim, concluímos que, ao ser usado em uma situação de poder assimétrico pelo interlocutor que detém o poder, o *você* passa a concorrer com o *tu* no mesmo contexto funcional, de menor poder.

Apesar de não haver uso de variantes de *tu* em nenhuma das missivas assimétricas, nos contextos simétricos foram registrados pronomes objetos referentes ao *você*. Em uma análise mais qualitativa dos dados, observamos que esse resultado está ligado à mudança na carga semântica do *você* sujeito que ocorreu entre o século XIX e início do século XX (Rumeu, 2012). De acordo com Rumeu (2012)

> em fins do século XIX, e, no século XX, [...] período de transição, o *Você* ainda conserva uma relativa formalidade, mas se manifesta, por outro lado, em alternância com o *Tu*. Em outras palavras, entende-se que ainda que o

> *Você* viesse sendo empregado, desde o século XIX, como forma de tratamento da elite brasileira, representada pelo imperador *Dr. Pedro II* e a *condessa de Barral*, cf. Soto ([2001] 2007), já se mostrava generalizado no uso doméstico dos Ottoni, cf. Lopes e Machado (2005). (Rumeu, 2012, p.151, grifos do autor).

Diante disso, inferimos que o uso das variantes do paradigma de *você* em contextos simétricos indica uma mudança na carga semântica desses pronomes objetos, como uma reação em cadeia à mudança linguística que ocorreu com o pronome sujeito *você* que era utilizado em situações de poder, resquícios da semântica do tratamento-fonte, *vossa mercê*, e passa a ser utilizado em situações que há solidariedade entre os interlocutores.

Esse emprego dos pronomes objetos do paradigma de *você,* em contextos solidários nas cartas de Graciliano Ramos, começou em 1930 quando houve um aumento considerável do uso das formas desse paradigma.

Por fim, diante dos resultados encontrados, confirmamos nossas pressuposições ao concluir que as formas do paradigma de *tu* são favorecidas pelo contexto simétrico e as formas de *você* pelo contexto assimétrico ascendentes. Contudo, refutamos a nossa hipótese de que as relações assimétricas descendentes favoreceriam as formas de *tu*, posto que esse tipo de relação demonstrou ser um condicionamento extralinguístico que favorece o emprego das formas ligadas ao pronome inovador *você*.

CONCLUSÃO

Abordar as cartas pessoais de Graciliano Ramos, com base nos pressupostos da Sociolinguística Histórica, permitiu-nos analisar uma amostra dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular do português alagoano do século XX e compreender quais fatores sociolinguísticos condicionaram esse processo. Ao ter em vista a referida variação, retomamos o nosso objetivo geral e buscamos apontar quais as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciaram no avanço das estratégias do paradigma de *você* e quais atuaram como contexto de resistência e favorecedoras das formas do paradigma de *tu.*

De modo geral, averiguamos que as variantes do paradigma de *tu* foram maioria nas cartas na primeira metade do século XX, no entanto, já havia um uso significativo dos pronomes objetos do paradigma de *você*, que constituíram a segunda estratégia mais presente nas produções epistolares do autor, seguida da forma nula. Assim, contrariando a aparente uniformidade linguística registrada no meio escrito, houve variação entre os pronomes objetos

de segunda pessoa do singular nas cartas do alagoano, o que demonstra que, mesmo nas produções de um missivista ilustre, que tem o domínio dos modelos de escrita da época, a variação entre as formas pronominais de segunda pessoa do singular já era realidade.

No que diz respeito à distribuição dessas formas pronominais, constatamos que o clítico *te* foi a estratégia mais registrada do paradigma de *tu* e o clítico *lhe* foi a variante mais empregada do paradigma de *você*. Os sintagmas preposicionados tanto do paradigma de *tu*, *a/para ti*, quanto do paradigma de *você*, *a/para você,* tiveram poucos registros. Outra importante constatação é que a forma lexical *você,* como pronome objeto de segunda pessoa, foi mais usada como sintagma preposicionado do que como forma sem preposição.

Após a análise estatística dos fatores que influenciaram a variação no uso dos pronomes objetos de segunda pessoa, observamos que tanto as variáveis linguísticas, contexto morfossintático e subsistema tratamental na posição de sujeito, quanto a variável extralinguística período foi estatisticamente significativa no fenômeno estudado.

Em relação à variável contexto morfossintático, observamos que a entrada dos pronomes objetos do paradigma de *você* no português alagoano de Graciliano Ramos aconteceu de modo diferente a depender da posição sintática em que foi usado, o que corrobora com as afirmações postuladas pela literatura sociolinguística que aborda essa variável (Pereira, 2012; Galves *et al*., 2016). Desse modo, identificamos que o dativo atuou como contexto favorecedor do uso das formas do paradigma de *você* e o acusativo como contexto de resistência ao pronome inovador *você*, posto que favoreceu as estratégias do *tu*.

No que diz respeito ao subsistema tratamental na posição de sujeito, constatamos que as cartas de *você* como sujeito exclusivo e as produções sem referência favoreceram o uso das variantes referentes ao paradigma de *você.* Enquanto a missiva de sujeito misto e as de *tu* exclusivo apresentaram-se como contexto propício ao uso das formas referente ao *tu*.

Atestamos, também, que, nas cartas do ilustre alagoano, é mantida a uniformidade tratamental prescrita pela gramática tradicional do século XX e compreendemos que o que levou o autor a aderir a essa tradição gramatical foi o seu perfil linguístico, metódico, formal e reflexivo quanto a sua escrita. Vale ressaltar, ainda, que essa conclusão só foi possível devido à reconstrução social e histórica da vida do ilustre alagoano, possibilitada pela disciplina História Social, que auxilia o pesquisador, em Sociolinguística Histórica, a compreender o contexto sócio-histórico no qual os informantes estavam inseridos.

Outra importante constatação dessa pesquisa é que o período foi um fator bastante relevante no uso dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular, posto que, dentre as

variáveis analisadas, foi a que obteve o maior nível de associação, $V^2 = 0.80$. Assim, com base nos resultados da análise, concluímos que a década de 1930 foi crucial para o aumento do uso das estratégias de *você* e da forma nula e para a decaída do percentual de uso das formas de *tu*, que, no início do século, tinha uso majoritário. Atribuímos essa mudança linguística das escolhas pronominais de Graciliano Ramos à implementação da forma *você* como pronome sujeito no português brasileiro que também ocorreu em 1930 (Rumeu, 2012; 2019) impulsionando o uso dos pronomes objetos relacionados ao *você*.

No que concerne a relação interpessoal de Graciliano Ramos com os interlocutores, constatamos que as relações assimétricas, ascendente e descendente, atuaram como contexto favorecedor das formas do paradigma de *você* como comprovamos nas cartas direcionadas ao pai, a mãe e ao filho. As relações simétricas são favoráveis ao uso das formas do paradigma de *tu*, como nas cartas remetidas ao amigo, às irmãs e à namorada. No entanto, também houve o emprego das estratégias de *você* nas cartas enviadas à esposa, único contexto simétrico que favoreceu as estratégias de *você*, o que demonstra uma mudança na carga semântica dos pronomes objetos do paradigma de *você* que, a princípio, devido à sua relação com a forma de tratamento *vossa mercê*, estava atrelado a contextos de poder (Brown; Gilman, 1960).

Por fim, inferimos que, apesar de Graciliano Ramos ser conservador ao manter a uniformidade tratamental prescrita pela tradição gramatical do século XX, o autor demonstra um comportamento linguístico inovador ao usar formas do paradigma de *você* em contextos simétricos e em produções epistolares íntimas e pessoais. Indícios de um processo de dessemantização das estratégias de *você* que estava ligada a contextos mais formais e impessoais, resquícios do seu tratamento fonte *vossa mercê*, e começa a assumir o domínio da solidariedade na variedade alagoana do autor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46.ed. São Paulo. Saraiva. 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. ISBN 978-85-209-3049-6.

BORGES, Juliana Marítimo. *Um estudo descritivo-analítico da gramática metódica da língua portuguesa e do dicionário de questões vernáculas de Napoleão Mendes de Almeida*. Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

BROWN, Roger.; GILMAN, Albert. *The pronouns of power and solidarity*. In: SEBEOK, T.

(Ed.). Style in language. Cambridge: MIT Press, 1960. p.253-276.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística Histórica*. Madrid, editorial gredos, 2007. INSB: 978-84-249-2863-6.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al.: *Gramática da língua portuguesa*, 5ª ed, Lisboa, Caminho, 2003, 275-320.

FIGUEIREDO, Raissa. *A Alternância "Tu" e "Você" em Cartas Familiares e Amorosas Novecentistas*. 2013. Monografia apresentada ao colegiado de graduação em letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/FIGUEIREDO2013PDF.pdf. Acesso em: 15 de março, 2021.

GALVES, Charlotte et al. Morfossintaxe e Uso dos Pronomes Pessoais na Sincronia e na Diacronia do Português Brasileiro. *In: Rumos da linguística brasileira no século XXI:* historiografia, gramática e ensino / Lucrécio Araújo de Sá Júnior, Marco Antônio Martins (org.). – São Paulo: Blucher, 2016.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. *In:* HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo (org). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. 2012, ISBN 978-1-4051-9068-8.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de janeiro: José Olympio, 2011. INSB 978-85-03-01022-1.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. A reorganização no sistema pronominal de 2a. pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. In: LOPES, C. R. dos S. (Coord.). *História do português brasileiro: Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo, Contexto. 2018. v. IV.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Sociolinguística Histórica no Brasil: Caminhos e desafios (*lecture)*. evento online da *ABRALIN*. 18 de Julho, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nE4i53QDacE&t=299s&ab_channel=Abralin. Acesso em: 08 de julho, 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. *In*: Silvia Figueiredo Brandão; Maria Antónia Mota. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. I ed. Rio de Janeiro, 2003, v. I, p. 61-76.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. Revista *Linguística*, Madrid, v.25, 2011. Disponível em: http://mundoalfal.org/sites/default/files/revista/25_linguistica_030_065.pdf. Acesso em: 20 de julho, 2021.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *Entre o Linguístico e o Social*: Complementos Dativos

de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980). Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2014.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna*: um estudo diacrônico. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2012.

PERES, Edenize Ponzo. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte*: um estudo em tempo aparente e em tempo real. 2006. Tese de doutorado em Letras: Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LHAM-6N6HVT. Acesso em: 08 fev, 2020.

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 8° ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011. INSB 978-85-01-01708-6

ROMAINE, Suzanne. *Socio-Historical Linguistics*: its Status and Methodology. Cambridge University Press. New York, 1982.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A inserção do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexos de uma mudança linguística socialmente encaixada. *Linguística* [online]. 2012. vol.28, n.1, pp.147-190. ISSN 2079-312X. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2079-312X2012000100009&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 25 de Julho, 2021.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. As relações de poder e de solidariedade na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX. Língua: Todas as Letras [online], v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/Rumeu2011TodasasLetrasR.pdf. Acesso em: 17 de maio, 2022.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A inserção do 'você' no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexões nas construções imperativas de 2SG. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 5 (Especial), 2019. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/24395. Acesso em: 29 de julho, 2021.

SANTIAGO, Silviano. Mestre Graça não é piedade. *O Globo*, 20 de Julho de 2013, Caderno Prosa. Disponível em: https://graciliano.com.br/2013/07/mestre-graca-nao-e-piedade/. Acesso em: 19 de Maio, 2022.

SILVA, Lécia de Almeida Pena. O uso das formas você/cê no português popular de feira de Santana. *In*: *Seminário de iniciação científica da UEFS*. 2012. Disponível em: http://www.xvisemic.esy.es/arquivos/sessao-ii/lecia-de-almeida-pena-silva.pdf. Acesso em: 05 de Fev. 2018.

SILVA, Thaissa Frota Texeira de Araujo; LOPES, Célia Regina dos Santos. Uma análise diacrônica das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais. Revista *A Cor das Letras*. Feira de Santana, v. 22, n. 1, p. 327-351, 2021. Disponível em: http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/6333/6074. Acesso em: 07 de Maio, 2022.

SILVA, Waldenia Maria da. Pronomes de referência a segunda pessoa do singular na função de complemento e adjunto na escrita brasileira do século XIX e XX: uma revisão sistemática. *in:* Paula, Aldir Santos de; Vitório, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar (orgs.), *30 anos do Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN - PPGLL/UFAL)*. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

SOUZA, Camila Duarte de; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; LOPES, Célia Regina dos Santos. O Tratamento Pronominal de 2ª Pessoa e as Formas Alternantes Oblíquas: Analisando a Variação Linguística em Cartas Pessoais dos Séculos XIX-XX. In: VI *Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais*, 2011, Natal.

SOUZA, Camila Duarte de. *Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos Empíricos Para uma Teoria da Mudança Linguística*. Tradução: Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. - São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 18 de abril de 2025.